

CINEMA PARADISO

Boletim n. 296

São Paulo, 05 de setembro de 2011.



Próxima Reunião: 11/09/2011 – Domingo às 16 h.

ESSES AMORES (Ces Amours-là)

Diretor: Claude Lelouch (*)

(*) Nasceu em Paris, França em 30/10/1937. É diretor, produtor e fotógrafo. Lelouch construiu uma das carreiras mais prolíficas do cinema francês e tem mais de 50 filmes no currículo como diretor (além de obras como produtor, roteirista e ator). Seu filme **UM HOMEM, UMA MULHER** (1966) ganhou o Palma de Ouro em Cannes e Oscar de melhor filme e indicação a melhor diretor, e **RETRATOS DA VIDA** (*Les Uns et les Autres*, 1968) – Competição do Festival de Cannes. Seu primeiro longa foi como diretor, **LE PROPRIÉTAIRE DE L'HOMME** (1960). Em 1986 dirige **UM HOMEM, UMA MULHER – 20 ANOS DEPOIS**.

ECOS DE AMIGOS DISTANTES DE A ÁRVORE DA VIDA

Fim da sessão de **Árvore da Vida** (*Tree of Life*, EUA 2011, dir: T. Malick) em um cinema de Brasília... ao silêncio quase absoluto seguiram-se alguns risos... Seria mais um indício de que o filme não só leva a opiniões díspares, como a reações diversas e adversas...

Pode-se pensar que aqueles que tenham feito “a lição de casa”, mas não ido aos debates, tenham uma atitude bem passiva, contentando-se com os Ecos (que são a alma deste Boletim, a propósito!). Mas não é bem assim... O clima esquentou pelos lados de quem não pode ir à reunião – chamamo-nos de “amigos distantes”, que numa movimentada troca de *emails*, viram suas ideias evoluírem de uma visão do filme como uma oração, como ocorre no Livro de Jó, em que se sucedem lamúrias e imprecações contra Deus, pela perda de entes queridos (no filme, pela morte de um dos garotos) para outra em que estão presentes nas vidas dos personagens um Pai terrestre e outro celestial. A ideia de livre leitura do Livro de Jó foi motivada pela dica do próprio diretor, que o citou logo no início do filme.

Outro aspecto abordado no filme é o do livre arbítrio – nossas escolhas estariam entre o caminho da Graça e o da Natureza – dor e prazer em nossas vidas! (no filme, o pai se arrepende de não ter seguido a carreira de músico; o filho mais velho também faz suas escolhas...). Outra das visões para o filme nos remete à ideia do “pai terrestre” e do “Pai celestial” – ambos opressores, que impõem respeito pelo medo e castigo, cada um a seu modo. (A propósito, o Deus do Antigo Testamento é retratado como justo, mas também colérico). Enfim, um filme longo, com cenas apelando a um visual que remete a um conteúdo sensorial. Bem, ficamos apenas no viés religioso do filme...



Ao ponto. Da esfera dos contatos reservados entre os que assinam este artigo para o mural Facebook do Cinema Paradiso: aproveitando o ponta-pé inicial da Cláudia Mogadouro, dando conta de que a discussão fora “quente”, com aqueles que apenas razoavelmente haviam gostado do filme se dedicaram a “ardorosamente” defendê-lo, para marcar posição contra os que o “ODIARAM” (- como resultado, notas em amplo espectro, de 0,5 a 8,5), Janete Palma disparou com uma nota 9,0 e um pedido de justificativas para as notas baixas, o que detonou um desfile (também quente!) de argumentos entre aqueles que presenciaram a reunião e os que por algum motivo não puderam a ela comparecer.

Assim, perpassaram o mural desde conceitos como “estética do convencimento” e “estética fascista”, passando pela questão do “COMO” se conta (a história do filme) e “COMO se filma”, indo às notificações de reação do público ao término da sessão (“- Amanhã você vai ter que ver a luta inteira do meu lado!!!”, diria um aborrecido espectador à pessoa que o acompanhava).

Com a perspectiva de ampliação do leque de seguidores do Cinema Paradiso no Facebook, fica o convite, que fazemos em nome da Claudinha, para que aqueles que por algum motivo não tenham podido ir a alguma das reuniões, em especial os “amigos distantes”, que no site se manifestem sobre filmes vistos, à guisa de um mini-Eco (virtual), enquanto aguardamos a publicação de um Eco no Boletim. Mais importante que concordar ou discordar de argumentos, é construir um mosaico de olhares sobre um filme apreciado.

Marcos Paulino – de Brasília e Janete Felix Palma de Curitiba.

Um novo módulo do Curso História do Cinema no Século XX será ministrado por Cláudia Mogadouro na Casa Guilherme de Almeida.

Esse módulo tratará de Cinema Novo Brasileiro e Cinema Novo Alemão.

As aulas serão em três quintas-feiras do mês de setembro (dias 8, 15 e 22) das 19h30 às 21h30.

Informações nos telefones: 3673-1883 ou 3672-1391. Vagas limitadas.

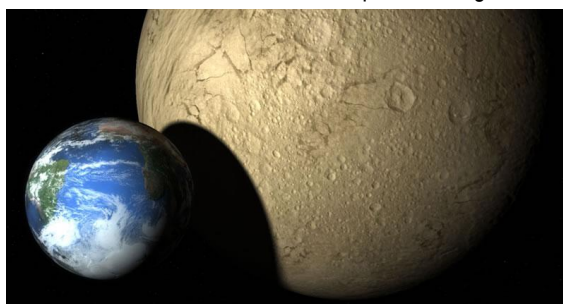
A casa fica próxima à Estação Sumaré do Metrô, Rua Macapá, 187.

A MELANCOLIA NOSSA DE CADA DIA

Comigo me desavim
Fui posto em todo perigo
Não posso viver comigo
Não posso fugir de mim
(Sá de Miranda)

O dia do juízo final fez parte de meu imaginário infantil por conta da educação religiosa que recebi em casa. No entanto, não estava associado a algo assustador, pois o fim do mundo viria fatalmente, mas “administrado” por Deus, justo e piedoso. Também a ideia de morte era compreendida como o início da verdadeira vida eterna junto ao Pai. Então, a morte não era temida. Hoje eu sei que uma das funções da religião na vida das pessoas é a de aplacar suas angústias diante da inevitabilidade do fim (faz muito tempo que esse conforto não me acompanha).

Essas divagações têm a ver com o filme **MELANCOLIA**, de Lars Von Trier. É a história de duas irmãs: a melancólica Justine, com dificuldade de se adequar ao mundo, que não acredita na possibilidade de felicidade humana e sua irmã Claire, que a protege, cuida dela como de uma criança indefesa. É casada com um milionário com quem tem um filho. Um planeta significativamente chamado de Melancolia está se aproximando da Terra e, embora a comunidade científica garanta que



não haverá colisão, Claire vai ficando apreensiva à medida que vai chegando a data prevista para a maior aproximação entre os dois planetas. E aí há uma inversão de papéis entre as duas irmãs: a perspectiva de colisão do Melancolia com Terra não parece ameaçadora para Justine e ela, de protegida passa a protetora da irmã e do sobrinho. O marido de Claire tenta convencê-la de que o fenômeno será apenas um belo espetáculo a ser desfrutado pelos terráqueos, mas ela se sente terrivelmente ameaçada. Para Justine, o estar no mundo é algo muito difícil, com sofrimento, solidão, falta de alegria e que exige dela um enorme esforço de renúncias, de tal forma que a possibilidade de tudo acabar parece até ser um alívio. “Não há esperança para nós”, diz Justine, “somos sós”.

Gostei muito do filme, não só por suas qualidades técnicas e estéticas, mas principalmente porque ele trata de uma questão fundamental à vida humana, que é a angústia ante a inevitabilidade da morte e nossa incapacidade de deter o fim de tudo, ou seja, nossas limitações, nossa pequenez. Ao longo de sua história a humanidade tem tentado dominar a natureza, eliminar doenças, criar aparelhos que minimizem o trabalho, tentando aumentar o tempo de vida do ser humano, com mais conforto, proteção, etc. Apesar desse louvável esforço, não se conseguiu a imortalidade, a juventude eterna, nem alguma couraça para impedir o sofrimento psíquico de viver. Também apesar de tanto tempo de processo civilizatório, é relativo o domínio

sobre a barbárie que cada um tem dentro de si, e a violência sempre tem escapado, manifestando-se tanto a nível individual como coletivo. O domínio do homem sobre a natureza não tem sido garantido, e ela, de vez em quando, faz questão de mostrar o quanto pode ser incontrolável e ameaçadoramente destrutiva, não porque seja má, perversa, mas porque ela é assim. Como a natureza humana também.

Para Justine, viver era quase insuportável. Ela se queixa de ter dificuldade em andar por sentir os pés amarrados. Em outro momento, ela não consegue comer porque sente que mastigava cinzas. Não ter a liberdade de ir e vir porque seus pés são atados e dificultam o seu caminhar no mundo, ou ter que engolir o intragável, fazem parte do preço necessário à nossa adequação ao convívio social, cuja pressão incomoda a todos nós, mas para algumas pessoas o preço é altíssimo!

Sonhos de liberdade total são sonhados por todo mundo, mas se sabe que jamais o homem será inteiramente livre, a menos que cada um viva numa ilha deserta. Mesmo quando existe liberdade social, política, religiosa continuamos prisioneiros do passado que nos forja. E quantas vezes somos prisioneiros do amor, do trabalho, dos papéis sociais...

Nunca foi tão exigido do ser humano, como agora, ser bem sucedido, ser o melhor, saudável, feliz, amado, famoso. Ora, como tanta plenitude é impossível de se conseguir, normalmente o que se obtém na verdade é frustração, que conduz à perda da auto-estima e descrença em si mesmo e na vida madrastra. Não é à toa que uma das características do

nosso tempo seja a depressão. Sabe-se que determinadas situações sociais produzem determinados tipos de personalidade. Por exemplo, as sociedades ditas primitivas, em cima de rituais religiosos, têm como característica mental dominante a neurose obsessiva; nas sociedades totalitárias, predomina a paranóia; nas sociedades burocráticas e industrializadas, a neurose narcísica e borderline (pessoas sem rumo na vida, com alto investimento no próprio ego e individualismo exacerbado).

A catástrofe de que o filme fala tem a ver também como cada pessoa tem seu mundo particular ameaçado quando algo ruim acontece. Expressões como “meu mundo caiu”, “minha vida acabou”, “É o fim do mundo”, etc. nos são familiares. A possibilidade de desestabilização do mundo pessoal ou social é sempre interpretada como uma ameaça à própria vida. Por isso, as subversões são sempre tão reprimidas, por representarem uma ameaça de morte ao *status quo*. É uma possibilidade de colisão entre dois mundos.

O que eu também vi no filme é que na vida temos mais motivos para tristezas e dores do que para alegrias. Assim, a melancolia nos invade, tira nossa vontade de viver quando, por exemplo, sofremos uma perda afetiva significativa. Quantas vezes a gente não se sente “sem terra”, não restando nada a não ser a melancolia. Ainda bem que essas invasões são temporárias e nos refazemos até a próxima colisão...

Rianete Lopes Botelho

LANÇAMENTO DO LIVRO: **TELEVISÃO FORMAS AUDIOVISUAIS DE FICÇÃO E DE DOCUMENTÁRIO.**

Renato Luiz Pucci Jr. lançou, junto com outros autores, um livro eletrônico.

Há duas opções para acessar o livro:

- 1) em pdf: <http://www.ciac.pt/libs/71ee973a26/60.pdf>
- 2) em flipbook: <http://www.ciac.pt/livro/livro.html>

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Contracorrente</i>	8,58
<i>A Árvore da Vida</i>	6,03

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janet Felix Palma

E-mail: janetpalma@gmail.com